

Olhares internacionais: correspondentes sediados no Rio de Janeiro

(Faculdade de Comunicação Social da Uerj, dezembro de 2006)

Apresentação

Agradecemos à presença dos professores do mestrado em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, aos alunos da graduação e da pós e aos quatro convidados pela gentileza de estarem no *campus* da Universidade para tratar de um assunto pouco estudado na área de comunicação.

Nos currículos antigos, em especial aqueles na década de 1980, havia uma disciplina intitulada Sistemas Internacionais de Comunicação. Hoje esse é um tema ausente da grade de muitos cursos, daí a importância desta palestra organizada pelos alunos, em 2006, da disciplina de Comunicação Internacional do Programa de Pós-graduação em Comunicação – mestrado – da Uerj, que também encerra as atividades da disciplina no semestre. Este encontro faz parte do Seminário de Produção Acadêmica (SPA), no qual os alunos da graduação e da pós-graduação se encontram em algumas ocasiões para debater assuntos pré-agendados.

Participam desta mesa os seguintes correspondentes internacionais: Paula Gobbi, presidente da Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Rio de Janeiro (ACIE), que reúne praticamente todos os correspondentes estrangeiros sediados na cidade; a brasileira Ivani Flora, que trabalha para a rede de televisão SIC, de Portugal; Ana Maria Geres, diretora no Brasil da agência de notícias espanhola EFE, e Krzysztof Gluchowski, correspondente do jornal *The Polish Daily*, que circula na Grã-Bretanha.

Paula Gobbi – presidente da ACIE

Agradeço ao curso de Comunicação da Uerj pela aproximação com os correspondentes estrangeiros. Primeiro vou contar um pouco da história da ACIE. Ela foi fundada em 1962 no Rio de Janeiro como um clube de correspondentes estrangeiros. No governo João Goulart, os correspondentes decidiram se associar para defender os interesses da classe e representar a categoria junto às autoridades e à sociedade.

O grupo embrionário se transformou no que é a atual Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Rio de Janeiro, formada por mais de 120 correspondentes de 30 países. Temos representantes dos Estados Unidos, da Grã Bretanha, França, Itália, Espanha, Coreia, Japão, Egito e Polônia, entre outros, e de meios de comunicação que vão desde a TV árabe Al Jazeera até a CNN. Cada um desses correspondentes abre uma janela do Brasil para o mundo. Nos últimos anos a ACIE tem se aproximado da Associação dos Correspondentes Estrangeiros em São Paulo (ACE) e da Associação dos Correspondentes Internacionais em Brasília (ACI). A ACI é pequena, mas a ACE está crescendo muito em função especialmente das matérias financeiras e econômicas geradas em São Paulo. No Brasil trabalham em torno de 300 correspondentes credenciados no Itamaraty e vinculados a 314 meios de comunicação, entre jornais e emissoras de rádio e de TV de vários países.

Nas últimas quatro décadas capítulos importantes da história brasileira têm percorrido o mundo por meio da cobertura dos correspondentes. Os anos obscuros da ditadura militar, a volta à democracia e a última eleição presidencial são alguns exemplos. A imprensa estrangeira cobriu o bom e o ruim desses anos, tanto a desigualdade social quanto a riqueza cultural e a estabilidade econômica. Também não deixamos de lado a capacidade de o brasileiro superar os escândalos de corrupção no intento de que não acabem ‘em pizza’. Foi nossa tarefa também traduzir palavras como ‘sanguessugas’ e ‘mensalão’ na cobertura das eleições presidenciais de 2006.

Em 2006 a Associação promoveu vários eventos, entre eles coletivas com dois candidatos a presidente: Heloisa Helena (PSOL) e Geraldo Alckmin (PSDB). Também realizamos coletiva com o coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), João Pedro Stédile, sempre aberto à imprensa estrangeira. Integramos, junto com representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), um comitê de mediação no debate entre os principais candidatos ao governo do Rio de Janeiro transmitido pela TV Record e também participamos do programa Observatório da Imprensa que discutiu o tema “Como a imprensa estrangeira avalia o processo eleitoral no Brasil”. Estamos insistindo para entrevistar o presidente Lula – a última vez em que nos concedeu uma entrevista ele ainda era candidato... Desde o começo da gestão Lula temos tido pouco sucesso em ampliar o número de coletivas com integrantes do governo federal. Como ele tem falado que vai se aproximar da imprensa, esperamos que nos próximos anos possamos fortalecer nosso trabalho e presença no país.

A economia também se destacou entre as pautas das matérias internacionais. Integrante do grupo identificado como BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) e, mesmo que não tenha atingido o crescimento de 10,4% da China, o Brasil é considerado um país emergente e em expansão, o que gera muito interesse internacional. Com a crise do petróleo, o tema energia alternativa – como o programa bem-sucedido do Brasil com o álcool – teve repercussão e gerou muitas pautas.

A ACIE também atribui prêmio a um jornalista brasileiro de destaque a cada ano. Em 2005 a premiação foi concedida a Alberto Dines, do programa de TV Observatório da Imprensa, um fenômeno interessante porque se trata da mídia observando a mídia. Em 2006 o prêmio foi para Mino Carta. Temos também expandido nossa atuação na área cultural e concedemos um prêmio ao cinema brasileiro: fazemos uma mostra de filmes nacionais e por meio de votação escolhemos o melhor para receber a homenagem. Esse prêmio foi inspirado no *Golden Globe* de Los Angeles (Estados Unidos), que os correspondentes internacionais atribuem ao cinema norte-americano.

O risco de vida dos jornalistas está sendo um fator preocupante. A morte do jornalista Tim Lopes no Rio de Janeiro foi para mim um marco na relação imprensa-favela. Depois do ocorrido, a mídia começou a ser considerada como crescente ameaça nas comunidades pobres. Alguns jornalistas tiveram equipamentos fotográficos e câmeras de vídeo roubados e o seqüestro de dois jornalistas em São Paulo (o repórter Guilherme Portanova e o auxiliar técnico Alexandre Coelho Calado, da TV Globo), com a exigência de que a emissora exibisse o vídeo, também constituiu um antecedente perigoso.

A Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Rio de Janeiro também defende a existência de condições para a coleta de notícias e a liberdade de imprensa e de opinião. Nesse contexto defendemos a controversa matéria do jornalista Larry Rother, do *The New York Times*, que escreveu sobre o gosto do presidente por cachaça, um texto que quase lhe custou o visto de trabalho. O ilustre Thomas Jefferson diz que a imprensa, tal como cão de guarda, deve ter liberdade para criticar e condenar, desmascarar e antagonizar. Sem liberdade de imprensa as outras liberdades desmoronam.

É muito difícil para os correspondentes estrangeiros disputar o espaço dedicado ao Brasil. Nos meios de comunicação as páginas dedicadas às notícias internacionais são em número reduzido e atualmente temos que disputar espaço com conflitos no Oriente Médio, programas nucleares na Coreia do Norte e no Irã. Isso requer mais agilidade e originalidade nas matérias impressas. O espaço que os correspondentes dispõem para as matérias depende do veículo para o qual se trabalha. Em uma revista há mais possibilidade de aprofundamento. Nas agências o espaço também é geralmente maior. Tenho um colega que trabalha em agência de notícia e que, em apenas um dia, chegou a escrever 18 matérias.

Quando escrevemos uma matéria devemos ter conhecimento geral sobre o assunto e contextualizá-lo. Trabalhei durante seis anos como correspondente em um programa da BBC de Londres e quando me empolgava com um assunto

o editor me “freava”. Temos que ter em mente que estamos transmitindo uma informação para pessoas que não sabem nada sobre o Brasil. É como se vocês fossem ler uma matéria sobre um país europeu ou africano cujo dia-a-dia não acompanham. No caso dos ataques em São Paulo cometidos pela organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), por exemplo, foi preciso explicar o porquê da revolta.

Sobre a imagem do Brasil retratada no filme *Turistas* – que conta a história de amigos que vêm passar férias no Brasil e acabam assaltados, drogados e vítimas de uma quadrilha de tráfico de órgãos – li várias matérias a respeito, mas a maioria foi escrita nos Estados Unidos. Li pouco do Brasil sobre isso. Surpreendeu-me que não houve muita repercussão na mídia daqui. Em uma das matérias escritas nos Estados Unidos li que a Embratur achou as imagens do Brasil bonitas, mas que a parte da violência não correspondia à realidade... É um filme de ficção-científica. Isso me lembra o episódio do desenho animado *Os Simpsons* que se passava no Brasil e mostrava macacos. Na época o presidente Fernando Henrique Cardoso criticou o desenho. Mas é um desenho animado! Não devemos dar a mesma importância que uma matéria real escrita por um correspondente.

Atualmente a imagem financeira do Brasil no exterior tem muito mais importância. As pessoas querem saber onde vão investir, se o país possui estabilidade econômica, se há privatizações, como está a área de telecomunicações... Tudo isso movimenta o mundo, o resto é folclore. Todo mundo gosta muito do Brasil pelo carnaval e suas festas.

Como jornalista gosto muitas vezes de situações de risco. Já fui à favela Cidade de Deus e entrevistei traficante à noite com câmera e sem autorização. Isso depende do meio, das circunstâncias e também do jornalista. Há profissionais excelentes que trabalham em escritório, não vão tanto a campo. Eu gosto de subir favelas, mas também tenho feito matérias no Pantanal com onças, cobras, jacarés, animais em extinção. O jornalismo é muito variado. Gosto dessa exposição, do contato com as pessoas, do intercâmbio que me enriquece como jornalista.

Com relação a direitos autorais, certa vez tivemos um incidente na ACIE: um jornalista inglês usou parte do texto de uma agência de notícias e não deu o crédito, incorporou trechos como se a matéria fosse dele. Nos Estados Unidos isso não é permitido, mas recebemos uma carta do editor dizendo que havia um acordo com a agência e que não era problema, o jornalista tinha toda a liberdade de usar partes dos textos como se dele fossem. São duas formas de lidar com o mesmo problema.

Acho que em geral a cobertura internacional dos meios de comunicação do Brasil é muito escassa. Se quisermos informar sobre algum país, não devemos ir aos arquivos do jornal local porque o material certamente será limitado. Digo isso em termos gerais, porque logicamente há exceções, como *O Estado de S.Paulo*, que é um excelente jornal. O interessante é que sou argentina e com o Mercosul estamos todos um pouco vinculados. Poderia haver mais interesse,

mas em geral as matérias sobre outros países são poucas, exceto o Iraque, para o qual se dá muito destaque. Há poucas reportagens, pelas quais podemos aprender sobre o modo de vida de um povo e sua cultura.

Um outro problema muito sério no Brasil é que pouquíssimas pessoas lêem jornais. Recentemente conversei com o ombudsman da *Folha de S. Paulo* e ele disse que se somarmos os exemplares de *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e um outro jornal chegamos a uma distribuição diária de um milhão de jornais, num país com quase 170 milhões de habitantes! É uma circulação muito limitada e depende de alguma ação para se ampliar os interesses dos leitores.

Ivani Flora – Rede SIC de Televisão (Portugal)

Trabalho para a SIC, uma das três emissoras de TV portuguesas (as outras duas são a RTP, pública, e a TVI). Sou brasileira e me considero uma correspondente às avessas, pois entrei circunstancialmente na área. Até tenho cidadania portuguesa, mas não comecei a trabalhar com eles por conta disso: trabalhei na Fundação Roberto Marinho e quando apareceu uma oportunidade na emissora de Portugal um colega, que já tinha trabalhado naquele país, lembrou de mim ao lhe pedirem uma indicação. Foi uma relação que começou como *freelancer*, depois se tornou mais periódica e já dura nove anos.

Trabalhar com televisão apresenta um complicador: a estrutura, que é muito cara. Para fazer uma matéria não se pode simplesmente apurar por telefone. É preciso estar lá, mostrar a o entrevistado. E para qualquer coisa que se queira mostrar é necessário se deslocar. Isso implica a necessidade de um cameraman – antigamente era preciso um assistente; atualmente, em razão da praticidade e dos custos, isso não existe mais –, do equipamento, de uma ilha de edição e de como a matéria vai chegar ao país que se quer enviar. Pode-se mandar por satélite, o que é muito caro, e por avião (se for um assunto do dia, prejudica a periodicidade). Desde a Copa do Mundo posso enviar matérias por computador por meio de um programa patenteado. É um mecanismo novo que nos deixa um pouco tensos porque às vezes o processo é demorado, pois dependendo do evento não temos banda larga no Brasil. No dia das eleições este ano foi complicado porque a empresa telefônica direcionou todo o sistema para a apuração e a banda larga ficou muito lenta. A TV ainda é um veículo caro, o que acaba às vezes limitando as pautas.

Por outro lado, a vantagem da televisão é que é preciso ter sempre um jornalista. A globalização da informação na internet prejudicou muitos colegas devido à rapidez do acesso à informação. Mas é importante para as emissoras de televisão que elas estejam representadas em alguns lugares estratégicos. No Brasil, o forte não são as notícias internacionais, mas a Rede Globo ampliou a sua cobertura: atualmente ela possui correspondentes na China, na Itália, em Buenos Aires (com abrangência da Venezuela)... A Band e o SBT também passaram a ter correspondentes. Cada emissora de televisão precisa ter a sua identidade, a sua marca, mesmo que às vezes esses assuntos sejam trabalhados com imagens de agências.

Um jornalista sozinho em determinado país não tem condições de estar

presente em todos os acontecimentos, é um trabalho solitário. Contamos muitas vezes com imagens de agências e, no Brasil, com imagens das emissoras brasileiras. Antes eu trabalhava muito com a TV Globo até porque a SIC tinha uma parceria com a emissora. A Globo possui uma agência internacional apenas para atender correspondentes. Se acontecer algo em São Paulo, por exemplo, claro que eu não vou até lá para conseguir imagens: entro em contato com a TV Globo, seleciono e trabalho as imagens, ou seja: ouço pessoas que possam comentar o assunto, dou uma abordagem que interesse a Portugal. A emissora também possui serviço de edição de matéria e pode-se ainda gerar por satélite. Eles estão terceirizando esse serviço e atualmente os correspondentes de televisão estão trabalhando com a Band e procurando outras formas para encontrar as imagens.

Como brasileira tenho a vantagem do idioma para trabalhar em Portugal. Eles não se importam com a questão do sotaque porque a SIC transmite muitas novelas brasileiras, a audiência já está familiarizada com alguns termos. Claro que me preocupo para que algo que eu diga não seja um ruído na minha matéria. Por mais que eles entendam se eu falar caminhoneiros em vez de ‘caminhonistas’ ou policiais em vez de ‘polícias’, isso acaba sendo um ruído. Se tenho tempo procuro estudar o texto com alguém de lá. Há coisas que preciso perguntar várias vezes – não acredito, por exemplo, que eles chamem camiseta de camisola.

É confortável falar do seu país para fora, mas deve-se ter a preocupação para quem estamos falando. Eu falo para um público que por acaso conheço um pouco porque sou descendente de portugueses, tenho paixão pela cultura portuguesa. Temos que contextualizar as matérias, conhecer bastante a linguagem da televisão de lá, sem ser de uma forma não preconceituosa. A linguagem de televisão europeia é um pouco mais lenta, os *takes* são maiores, o ritmo é mais lento. No Brasil somos mais parecidos com os americanos, uma coisa mais “clipada”, mais rápida. Podemos aprender isso com eles, também tenho as minhas críticas ao formato, mas acho que devemos em primeiro lugar ter respeito pelas pessoas para as quais estamos falando.

Não sigo uma periodicidade de assuntos, a cobertura depende do que está acontecendo aqui e no mundo. Às vezes algo que achamos ser muito importante aqui perde espaço para uma notícia de guerra no Timor Leste, que interessa muito a Portugal, ou até mesmo a guerra no Iraque. O interesse de Portugal pelo Brasil cresceu na década de 90, creio que devido à questão econômica, pois foi quando tiveram início as privatizações e as empresas portuguesas começaram a entrar no país; assim eles passaram a ver o Brasil com outros olhos. As pautas não são mais apenas favelas e carnaval – cobrimos tudo.

Em geral, a SIC cobre muito o assunto guerra. Sendo assim é comum encontrarmos jornalistas em perigo, já houve casos de profissionais baleados e mortos. No Brasil procuro evitar situações de risco. Não quero virar nome de prêmio. Acredito que às vezes entramos em situações perigosas por empolgação. Quando cheguei ao Rio era um pouco difícil obedecer às proibições de não poder entrar em determinada comunidade porque gosto do contato com as

peessoas. Não entendia por que não podia entrar em uma comunidade sem autorização, mas depois começamos a entender que existem códigos que devemos respeitar.

Sobre a cobertura internacional no Brasil acredito que seja boa e abrangente. Com relação ao conteúdo, acho que o volume, a demanda e o ritmo frenético fazem com que as coberturas estejam um pouco “viciadas”. Não há espaço para o jornalista fazer um exercício, para considerar o assunto de outro ângulo. Alguém entra numa canoa e todos vão juntos. Não é uma crítica aos jornalistas, mas à estrutura de trabalho, que engloba principalmente a cobertura internacional. Portugal é um país pequeno e precisa recorrer muito a notícias internacionais, mas lá encontramos notícia de Cuba, por exemplo. Aqui, até há pouco tempo, nunca se tinha ouvido falar em Timor Leste. Para o jornalismo internacional é legal sempre ver a TV Al Jazeera para entender o Oriente Médio. Como as TVs se abastecem nas agências ocorrem fatos curiosos. Em um determinado dia mostram as eleições presidenciais no Quênia, que a princípio pode parecer desinteressante. O interesse se desenvolve, se desperta. É só começar a olhar por outros ângulos. Há muita coisa importante para mostrar fora do eixo Europa - Estados Unidos. É importante saber que, com algumas ressalvas, teremos uma outra visão de uma guerra no Oriente, por exemplo. A cobertura das eleições no Brasil em 2006, por exemplo, foi complicada – creio que devido ao ritmo acelerado imposto aos profissionais.

Ana Maria Geres, agência EFE – Espanha

Faz um ano que vivo no Brasil e para mim foi um pouco difícil esse começo, porque ainda estou longe de dominar a língua portuguesa. Na agência de notícias trabalhamos 24 horas por dia e sete dias na semana. Somos uma equipe e não apenas uma pessoa cobrindo para uma mídia como os correspondentes, o que faz muita diferença. De um lado porque a equipe participa do processo e ao mesmo tempo cobrimos tudo.

Primeiro vou falar um pouco sobre a rotina de trabalho. Como chega a informação? Temos setores fixos que cobrimos todos os dias. A Bolsa de Valores de São Paulo é um exemplo: temos duas informações diárias sobre a Bolsa. O mercado de matérias-primas também é rotina. Além disso, obtemos informações por meio de coletivas de imprensa, entrevistas, seminários, enfim, todos os tipos de eventos. Temos também a ajuda da mídia local, muito importante em situações inesperadas, como o acidente com o avião da Gol. Apesar de sermos uma equipe, somos muito pequenos se comparados à Agência Estado ou à agência de O Globo.

Quais são as nossas dificuldades? Primeiro a imensidão do território brasileiro. Possuímos três escritórios: São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, sendo este o principal. Quando ocorre algo em Porto Alegre, por exemplo, temos que enviar alguém ou pedir ajuda a um colaborador. Ao mesmo tempo, boa parte das informações que procuramos acontece nessas três cidades, o que nos dá um certo controle. Um dos problemas dos correspondentes de agências de notícias é a resposta lenta dos interlocutores. Acontece freqüentemente de

ligarmos para alguém, pedirmos uma entrevista ou um comentário e nos pedem para ligarmos no dia seguinte. É muito difícil que a pessoa compreenda que a agência não pode esperar, pois o amanhã é muito tarde. Isso era possível há muitos anos, mas agora, principalmente após a internet, precisamos na hora.

Outro problema é a falta de estudos estatísticos. No Brasil esse talvez não seja um caso tão grave, pois há muitas instituições que fazem estudos interessantes. Quando aconteceram os ataques em São Paulo comandados pelo PCC tentei encontrar estatísticas em nível nacional sobre a situação das unidades prisionais, mas foi impossível. Primeiro porque os estudos são feitos em nível estadual e também porque no Brasil, apesar de a internet ter bastante penetração, ainda está um pouco longe de atingir o nível de países como os Estados Unidos e a França, onde trabalhei antes.

Nossa audiência é o mundo todo. Temos clientes da Espanha (somos uma agência espanhola), dos Estados Unidos, da América Latina, do mundo árabe... Quando acontece alguma coisa, temos que pensar no cliente, no que as pessoas que recebem o nosso serviço estão procurando. Devemos estar muito atentos quando há visitas de presidentes e ministros de outros países, acordos financeiro ou empresarial entre empresas brasileiras e de outros países. Temos que optar, não podemos fazer tudo, pois é impossível. Uma das dificuldades é decidir quais matérias vamos enviar. Temos de ter em mente que – além de muitos clientes como portais, jornais, emissoras de TV e de rádio – temos diferentes serviços a prestar. Devemos pensar na foto, na matéria escrita, na imagem, na sonora. O correspondente deve ser polivalente. Há algum tempo os correspondentes passaram não só a escrever matérias, mas também a servir a mídia em todos os aspectos. Isso complica um pouco o trabalho. O profissional deve ir a uma coletiva de imprensa, pegar notas, gravar e algumas vezes tirar fotos. O nosso caso é um pouco distinto porque temos fotógrafo, mas eu já fiz reportagens para as quais tive que escrever a matéria, fazer fotos e gravar a sonora.

A temática de uma agência de notícias é ampla: abrange todas as matérias que podemos encontrar em um jornal e em portais, além da política em linhas gerais. O correspondente, quando escreve uma notícia, deve ter em mente que o leitor que está nos Estados Unidos ou em outro país não conhece o Brasil, conhece alguns nomes da política, como o presidente, o ministro das Relações Exteriores, mas não conhece o governador do estado, por exemplo. O correspondente deverá aprofundar menos e explicar mais o contexto. Ao falar do PT, terá que dizer o que é, que tendência política possui para que todos compreendam melhor. É possível que um brasileiro, ao ler uma matéria da agência, pense que é muito superficial, mas é importante para o leitor compreender bem a matéria, daí a razão de darmos mais informações básicas, que um nacional não precisaria. Ao escrevermos uma matéria devemos pensar também que encontraremos clientes especializados, como na área de energia. O Brasil é um país muito interessante para fornecer matéria sobre energia. As grandes áreas de informação são política, justiça, economia e cultura. Mas na realidade, qualquer assunto pode ser notícia na agência.

A internet mudou bastante a forma de trabalho das agências. Primeiro porque a informação é muito mais imediata. Há 20 anos, quando eu ia a uma coletiva de imprensa, voltava para o escritório e escrevia tranquilamente. A internet fez com que muitas vezes tenhamos que enviar a matéria do próprio lugar do acontecimento da notícia. Quando temos uma reunião internacional, como a Cúpula do Mercosul, nunca voltamos ao escritório para escrever a matéria, assim como também não saímos do local para enviar uma foto. Tudo é feito do próprio lugar onde ocorre a notícia. A dificuldade de se fazer várias coisas ao mesmo tempo é escrever de maneira clara e útil para o leitor. A agência de notícias de 20 anos atrás era uma mídia que produzia para outra mídia. O público em geral só via a notícia da agência quando ela era publicada. Com o advento da internet, muitas agências criaram portais e qualquer pessoa pode ter acesso à notícia diretamente nos portais. Nos últimos anos, porém, as agências estão eliminando o acesso ao serviço por ele ser pago, mas se vocês recorrem aos portais do UOL ou do Terra vão ver todas as informações das agências. O acesso é menos direto, mas vocês terão acesso ao mesmo material produzido pelas agências. Trata-se de uma política comercial simplesmente.

Não vejo muita diferença no trabalho desenvolvido por mim nos países onde trabalhei, sobretudo pela dinâmica da agência. Quando trabalhava em Paris cobria a Bolsa de Valores, assim como em Nova York. No Brasil não cubro a Bolsa, mas há alguém que o faz. Na França eu era redatora; em Nova York, diretora, assim como sou atualmente no Brasil. A diferença maior está na capacidade do país, no costume, em como o jornalista é tratado. Nos Estados Unidos, o respeito pela imprensa é grande. Um problema que a agência pode enfrentar é se a mídia é conhecida ou não. Nos Estados Unidos, as instituições conhecem jornais como *Le Monde*, *The Times* e *O Globo* (muito conhecido fora do Brasil). Quando nos apresentamos e tentamos obter uma entrevista ou alguma informação é muito importante o veículo para o qual o correspondente trabalha. Nesse caso o jornalista pode ficar traumatizado, pois se a mídia não é conhecida ele terá maior dificuldade, principalmente porque nos Estados Unidos e na França se pensa muito em termos de repercussão. Um jornalista de *O Globo* terá mais chances de conseguir uma entrevista com o secretário-geral da ONU do que um repórter do jornal *A Tarde*.

No Brasil, a agência EFE começa a ser conhecida, não é tão complicado, sobretudo com instituições e grandes empresas. Eles sabem que o nosso mercado é a América Latina em especial. Se há interesse de difusão na região temos muitas portas abertas. Tenho colegas que trabalham para veículos importantes da Espanha, mas que aqui são desconhecidos. Para eles tudo é muito mais difícil.

Com relação ao conteúdo, as pautas abordam sempre grandes questões políticas internacionais, a política exterior do país, o nível econômico, os resultados das grandes empresas, fusões, operações de compra, grandes negócios etc. Na área de cultura, cobrimos exposições de arte importantes, concertos de artistas conhecidos. Em geral, o critério vai ser sempre o mesmo, respeitando as particularidades de cada país. Na França, por exemplo, questões envolvendo o grupo terrorista ETA são muito importantes. Na época em que eu trabalhava

lá havia muitos terroristas desse grupo refugiados, detidos e extraditados e esse era um assunto que ocupava cerca de 30% do nosso tempo. No Brasil, geramos muitas matérias sobre Mercosul, integração regional, relações com a Venezuela e política nacional. Em cultura, grandes eventos como a exposição do Aleijadinho, a Bienal de Artes de São Paulo, o Fórum Cultural Mundial em Porto Alegre, ou seja, sempre com informações que surtem interesse em outros países. O problema é que são muitas matérias e pouco espaço. Os grandes jornais dedicam no máximo quatro páginas à editoria internacional, o que já é um exagero. O espaço que os correspondentes possuem para publicar suas matérias é pequeno. Nossa vantagem, ao mesmo tempo uma desvantagem, é que nas agências não temos limitação de espaço. Temos tantos interesses que o difícil é cobrir tudo com os poucos meios que temos, mas isso acontece com qualquer agência de notícia.

Em respeito às matérias sobre o Brasil, talvez seja uma surpresa para vocês, mas falamos pouco sobre violência e carnaval. Carnaval para nós é mais uma questão de foto. Escrevemos pouco sobre carnaval porque é um evento que acontece todos os anos e todo mundo sabe o que é. A foto vai retratar o que não foi mostrado no ano anterior. Sobre violência, cobrimos o ocorrido com o PCC porque na realidade era um movimento grande, com muito impacto na sociedade – São Paulo ficou quase paralisada. Mas não estamos escrevendo para brasileiros. O fato de haver violência não é tanto a notícia para nós, merece destaque aquilo que é excepcional. Ficamos em dúvida sobre noticiar o fato do marido que seqüestrou um ônibus por ciúmes da esposa porque a princípio nos parecia um acontecimento violento a mais entre tantos ocorridos no Rio de Janeiro e em São Paulo. No final noticiamos cerca de quatro parágrafos.

Nossas notícias não abordam estereótipos, procuramos coisas curiosas, eventos inevitáveis de se falar como questões ligadas a governo. Se falarmos de saúde, por exemplo, procuramos algo que seja de interesse de todos, como AIDS. Ao falar de justiça, provavelmente vamos noticiar algo que poucas pessoas vão dar ou que aqui terá menos importância. O julgamento (19 anos depois) dos acusados do assassinato do missionário espanhol Vicente Cañas, ocorrido em Mato Grosso em 1987, provavelmente teve mais importância para nós do que para a mídia brasileira, já que ele era espanhol. A exposição de Arte Românica no Museu Histórico Nacional, intitulada Caminho de Santiago no Brasil, passou quase despercebida aqui. Uma delegação da região que promoveu essa exposição se reuniu no Rio com representantes do governo e fizemos várias matérias sobre esse assunto porque temos clientes na região de Castilla y León.

Cobrimos todos os tipos de notícias, inclusive esporte. Acompanhamos muito o futebol brasileiro, tanto com fotos como com textos. Fazemos matérias um dia antes do jogo e no dia do jogo com declarações. Talvez outras agências não façam o mesmo. Nossas matérias dependem do que nossos clientes procuram. Obviamente há assuntos de interesse nacional que possuem relevância para o mundo todo.

Já cobri o Iraque e não tive medo. Tenho mais medo de viver aqui do

que no Iraque, talvez por ter vivido lá antes da guerra. Mas quando estamos trabalhando esquecemos esse lado do risco. Atualmente no Brasil a minha segurança está mais ligada à segurança que qualquer cidadão do país possui. Ainda não cobri matérias difíceis em relação a segurança, como problemas de ocupação de terras e risco de morte. A profissão de jornalista não é sinônimo de risco. Há profissionais que trabalham atrás de uma mesa e nunca vão fazer matérias na rua. Quando se faz matérias financeiras o perigo é muito pequeno. Tenho colegas que arriscaram a vida, inclusive um amigo morreu no Haiti. Em geral a mídia não se preocupa muito com isso. Sei que nos Estados Unidos há mais medidas para proteger o jornalista em situações de risco, enquanto na Europa é menos freqüente. No nosso caso há uma compensação econômica para quem arrisca a vida para trabalhar. Em geral as empresas não forçam os empregados a enfrentarem situações de risco – pelo menos na Espanha.

Direito autoral é um tema complicado porque depende do país. Nos Estados Unidos a proteção é grande. Mas há países em que não há fiscalização. No Brasil, pelo que temos visto, estamos um pouco desprotegidos. Não temos casos de veículos que usam matérias da EFE sem dar crédito. Houve um episódio nos Estados Unidos de um portal que usava em torno de 100 matérias por dia da EFE sem mudar nenhuma vírgula. Davam crédito, mas não pagavam nada à agência, apenas pegavam a matéria e acrescentavam “segundo a agência EFE” e todo o texto seguinte era igual ao nosso. Poderíamos ter recorrido à justiça, mas nossa política foi o diálogo. Permitimos que eles continuassem usando as nossas matérias desde que pagassem. É uma forma de atrair mais clientes e evitar um processo que pode ser longo e caro. Há pouco tempo recebi no Brasil mensagem de um leitor questionando por que deveria pagar pelo serviço da agência se ele poderia extrair os textos da internet. A resposta é muito simples: é ilegal. É o mesmo que copiar um CD de música ou um livro. Esse leitor me disse que há no Brasil uma lei que determina que, se a fonte for citada, a matéria pode ser reproduzida. Ainda estou me informando sobre essa questão com advogados. Tenho dúvidas de que seja tão simples...

Quanto às fontes, vocês devem ter aprendido que o trabalho básico do jornalista é contrastá-las, não podemos nos contentar somente com uma. Na prática nem sempre isso é possível, depende das matérias. No caso dos escândalos de corrupção, nunca teria confiança em uma única fonte, até por saber que há muita manipulação política. Imagine uma negociação entre empresas: pode ser que a notícia seja verdadeira, mas é possível também que seja uma tentativa de fazer com que as ações subam de preço no mercado.

Sobre a cobertura do Brasil em relação à Espanha, não me lembro de ter visto aqui, desde que cheguei, matérias sobre o país. Mas ao mesmo tempo creio que isso é normal. Aqui é como em outros países: o foco da cobertura internacional está primeiro no Oriente Médio (as tensões no Iraque), Coréia do Norte (pelo problema nuclear) e sobretudo nos Estados Unidos. É assim na Espanha, na França e em qualquer outro país da América Latina. O peso dos Estados Unidos é muito grande e ocupa mais espaço, principalmente onde há conflitos graves, como é o caso do Iraque.

A imagem do Brasil no exterior não é tão ruim como a maioria das pessoas pensa. Acho que o Brasil teve muitos avanços nos últimos 10 anos: o peso político do Brasil no cenário internacional é muito maior agora do que antes. Quando a mídia fala sobre negociações da Organização Mundial do Comércio e de países emergentes, o Brasil sempre é citado. Talvez a mídia não fale somente a respeito do Brasil ou da notícia nacional que seja importante para o país, mas falamos sobre o Brasil.

Mas isso tudo coexiste com a idéia do estereótipo. Morei durante oito anos dos Estados Unidos e, além das eleições, havia uma ocasião em que a Espanha sempre era citada no *The New York Times*: durante uma festa na pequena cidade espanhola de Buñol, que consiste em jogar tomates uns contra os outros. É muito triste que o jornal só fale da Espanha por causa dessa festa. Não é o caso do Brasil. Há o carnaval, mas há outras informações, sobretudo econômicas e culturais. O cinema brasileiro tem feito obras boas nos últimos anos. Nos Estados Unidos vemos algumas notícias sobre o cinema brasileiro. Talvez seja pouco, mas é muito mais do que sobre outros países e devemos levar em consideração ao analisarmos a mídia em geral que eles falam muito pouco sobre a América do Sul. Devemos também considerar as informações econômicas, o projeto do uso de biodiesel, da cana-de-açúcar, os investimentos... Mesmo com a discordância entre os Estados Unidos e o Brasil com relação às patentes, pelo menos se fala da posição do Brasil como um país forte, o que não acontece com muitos países em desenvolvimento.

Krzysztof Gluchowski - The Polish News

Vocês jovens que nasceram na era dos computadores e celulares provavelmente não se dão conta da enorme revolução que ocorreu nos últimos anos na vida de todos e, quiçá, na vida dos correspondentes estrangeiros ainda mais. Sou engenheiro e quando me aposentei tinha que fazer alguma coisa para não enferrujar. Na Inglaterra havia uma grande comunidade polonesa formada no pós-guerra e lá me encorajaram a escrever. No início eram memórias, mas depois houve o interesse, comecei a escrever e a ter meu trabalho publicado.

Não se esqueçam que sempre vale a pena conhecer a história. Os brasileiros têm um problema: para vocês o ontem já é passado, o amanhã se arruma; vamos viver o hoje. Vale a pena também olhar a história brasileira, que é muito interessante. Quando cheguei aqui escrevi uma série de artigos sobre História do Brasil e como sou polonês estou atento à participação dos poloneses no desenvolvimento do país. Depois de 1932, quando houve um levante na Polônia, engenheiros, muitos deles do exército polonês, vieram para o Brasil. Posteriormente veio uma enorme imigração campesina para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em maior número. Por isso tenho interesse em passar informações daqui para os poloneses na Inglaterra. Também escrevo para um jornal similar em Nova York, onde há outra grande comunidade polonesa. Como somos todos imigrantes, estamos interessados no que acontece em outros países. Por isso eles lêem o que escrevo sobre o Brasil.

Naturalmente tenho que escrever sobre carnaval, que é um exemplo

fantástico de como os brasileiros podem organizar e executar um exercício enorme de logística. Imaginem 70 mil pessoas desfilando durante três dias e tudo funcionando com cronômetro. Uma vez comentei isso com um general brasileiro e ele me disse: “Graças a Deus que o Exército não organiza isso porque nunca daria certo”...

Vou contar algumas experiências do passado para que vocês possam entender a enormidade das mudanças ocorridas nos últimos anos. Falo dos correspondentes dos jornais. As agências concentram-se nas notícias duras e rápidas e o correspondente de um jornal não compete com elas. Este deve sentar-se e tranquilamente pensar no que acontece aqui e porque as notícias devem ser interpretadas, já que são destinadas a um público que não tem muito conhecimento do país. O objetivo de um correspondente é sempre interpretar o país onde está. Há três tipos de correspondentes de jornais: aquele é enviado por um jornal (espécie um pouco ameaçada atualmente); o correspondente que reside no país e desenvolve uma ligação permanente com um jornal estrangeiro e os *freelancers*, que escrevem para jornais variados e não têm ligação permanente de trabalho.

Antes, quando um jornalista era escolhido para ser correspondente de jornal (é bom lembrar que os escolhidos pelas grandes corporações geralmente são profissionais de confiança e muito capazes), ele passava por um curso de imersão no idioma do país. Ao chegar a esse país, o repórter enfrentava problemas enormes porque três semanas não dão profundidade em qualquer língua. E quais eram as formas de comunicação há 15 anos? O telefone no Brasil era um desastre na época. Havia ainda o telex, que também apresentava problemas, e a via postal. Tudo isso implicava em custos. Além de estar longe da sua terra, o jornalista tinha dificuldades de comunicação rápida. Com a invenção do computador, da internet, da banda larga, dos laptops, palmtops, dos celulares com câmeras digitais etc. tudo mudou. As velhas máquinas de escrever e as câmeras fotográficas que usavam filmes foram descartadas. O mundo ficou pequeno.

Hoje envio os meus textos de forma que só precisem de ajustes nas colunas e sejam acompanhados de fotografias digitais. Teoricamente é possível, com um laptop, compor toda a página de um jornal e enviar pela internet diretamente para a máquina que imprime a versão final. Mas por razões de controle editoriais isto não é prático, mas é possível.

Agora qualquer pessoa pode ter uma câmera digital. As melhores fotografias em valor de notícia sobre os atentados com bombas ocorridos em julho de 2005 em Londres (nos quais os alvos foram quatro linhas de trens e um ônibus) foram feitas por cidadãos comuns com celulares equipados com câmera. A resolução era ruim, mas as fotografias eram notícia e foram publicadas por jornais de todo o mundo. É uma diferença básica se comparada à situação de 15 anos atrás. Isso afeta o correspondente, que antes detinha o monopólio para a produção de notícias confiáveis aos olhos do jornal. Atualmente, pela internet, é possível ter boa noção do que acontece no mundo. Um correspondente que há 15 anos tinha um certo *status*, nos dias atuais já

não desfruta do mesmo prestígio, pois não é mais tão necessário como antes. O correspondente se tornou uma espécie ameaçada.

Quanto às matérias sobre violência no Rio de Janeiro, posso dizer que é muito difícil hoje em dia entrar nas favelas porque é necessária a permissão dos bandidos. Moro em Copacabana e é comum ouvir barulhos de metralhadoras e granadas. Então como podemos escrever sobre isso? Buscando opiniões de brasileiros sobre o assunto, o que permite conseguir muita informação sobre a visão que o cidadão tem a respeito do problema de drogas e da insegurança em geral. As fontes nas favelas não são necessariamente únicas.

A cobertura que a mídia brasileira faz da Polônia é muito fraca. Trata-se da velha questão do interesse dos leitores. É muito mais importante saber o que acontece na vizinhança do que do outro lado do mundo, especialmente quando isso não afeta o país. Vou dar um exemplo: no consulado na Polônia foram organizados dois eventos, ambos em lugares que consideramos de grande prestígio. Um foi sobre a literatura polonesa na Academia Brasileira de Letras (ABL) – instituição que teve importante papel nos tempos de guerra, quando havia muitos refugiados intelectuais poloneses no Brasil. Um deles foi convidado pela ABL e deu uma palestra sobre literatura polonesa no período entre as guerras. Pensamos que era uma boa idéia realizar um seminário de continuação. Havia também uma exposição de livros em língua portuguesa publicados no Brasil sobre a Polônia e os descendentes de poloneses. Mas o evento rendeu poucas linhas de cobertura na imprensa brasileira.

Situação parecida ocorreu com outro evento no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que, com o apoio do consulado, fez uma exposição sobre o Levante de Varsóvia. Na época foi publicado o livro *O levante de 44: a batalha por Varsóvia*, do historiador inglês Norman Davies, e decidimos fazer uma exposição a respeito do tema. A cobertura sobre o evento também rendeu pouquíssimas linhas na imprensa. São duas instituições culturais de primeira linha no Brasil e a cobertura da mídia não correspondeu. Não era um assunto comercial, era somente cultura. Preparei material sobre a exposição e quando as pessoas manifestam interesse em saber um pouco mais sobre o assunto estou à disposição. O meu foco é mostrar a cobertura em condições extremas para os repórteres em uma das piores batalhas da Segunda Guerra Mundial. E esse trabalho só foi possível porque havia correspondentes e fotógrafos. Hoje sabemos mais sobre a história graças a esses profissionais.